



# ERIC FRATTINI / “O Irão pode converter-se no principal patrocinador das revoltas árabes”

Do MI6 ao KGB, vários serviços secretos já foram postos sob a lupa de Eric Frattini, que no seu último livro desvenda os segredos dos “carrascos do Kidon”. **Joana Azevedo Viana** afundou-se nesse arquivo histórico e falou com o espanhol – mais sobre o presente que sobre o passado

**E**ric Frattini é mais do que escritor. Além de ser jornalista e consultor dos serviços secretos de Espanha, os anos em que viveu em Israel e no Líbano deram-lhe carta verde para se afundar no reino da Mossad. Daí nasceu o seu último livro, publicado em Portugal há um mês. Em vários telefonemas longos – com intervalos para a digressão pela Ásia –, o espanhol explicou ao *i* o que o levou a escrever “Os Carrascos do Kidon” e garantiu que ainda não sofreu represálias pelos dados inéditos que revela – entre eles, o envolvimento dos serviços secretos israelitas na morte de três cientistas nucleares iranianos.

**Parece ir um passo mais longe do que outros com este livro. Como foi o processo de investigação para o escrever?** Parte da documentação surgiu durante os cinco anos em que fui correspondente do grupo Prisa em Beirute e em Jerusalém. Os libaneses tinham muita documentação sobre as operações da Mossad no Líbano durante a guerra de 1982. A maior parte veio de arquivos policiais de países onde o Kidon actuou, como a Noruega, Espanha, a Argentina ou o Uruguai. Depois através de Israel, com os documentos do Knesset [Parlamento] sobre o erro cometido na tentativa de assassinato de Jaled Meshal na Jordânia. E os meios de comunicação do Médio

Oriente e da Grã-Bretanha também foram uma importante fonte de informações, além de ter falado com alguns protagonistas das operações, como Peter Malkin, que conheci em Washington.

**O agente do Kidon que participou no sequestro do nazi Adolf Eichmann.** Sim, na Operação Garibaldi, na Argentina. De qualquer forma, o mais difícil foi compilar informação sobre a Mossad em Israel. Deixe-me dizer-lhe que, durante os quatro anos em que fui correspondente em Jerusalém, jamais ouvi a palavra Mossad na boca de um israelita. É como a máfia ou a camorra em Itália. Todos sabem que existe, mas ninguém fala deles.

**Porquê?** Só há muito pouco tempo é que se começou a falar, quando, entre 2000 e 2004, começaram a surgir erros que a Mossad cometeu no estrangeiro. Mas Israel sempre proibiu qualquer meio de comunicação de, por exemplo, citar os nomes dos directores da Mossad.

**Foi por isso que quis escrever o livro?** Quis escrevê-lo porque não há nada escrito sobre as operações encobertas da Mossad.

**O subtítulo do livro é “Os Carrascos do Kidon”. O que é o Kidon?**

Kidon quer dizer baioneta e na Mossad é uma subunidade de assassinatos e sequestros, que é dirigida pela Metsada, a unidade de operações especiais.

**O livro parece dar a entender que a Mossad nasceu para vingar a morte de**

**milhares de judeus no final da Segunda Guerra Mundial. O escritor britânico judeu Howard Jacobson brinca com isto ao escrever que “o Holocausto se tornou uma mercadoria de troca” para os judeus. Concorda?**

É muito curioso. Nos países em que existe terrorismo, grande parte dos meus leitores estão a favor das palavras do antigo chefe da Metsada Meir Dagan quando este diz que “a execução de um terrorista não é política, é a ferramenta de um Estado para prevenir ataques e aumentar a dissuasão”. Pelo contrário, nos países que ainda não foram golpeados pelo fenómeno do terrorismo, os leitores mostram-se indignados pela forma de actuar de Israel. A Mossad é uma arma defensiva. A vingança pode ter estado na sua origem, mas esse já não é o caso em pleno século XXI.

**Então qual é o objectivo actual dos serviços secretos israelitas?**

O principal é atingir o programa nuclear



**MOSSAD. OS CARRASCOS DO KIDON**

Eric Frattini  
Bertrand Editora  
18,90€

iraniano, criando, por exemplo, vírus informáticos para atingir as centrifugadoras das centrais nucleares de Teerão. **Ou aniquilando cientistas iranianos, como se lê no último capítulo, que confirma o envolvimento da Mossad na morte de três deles.**

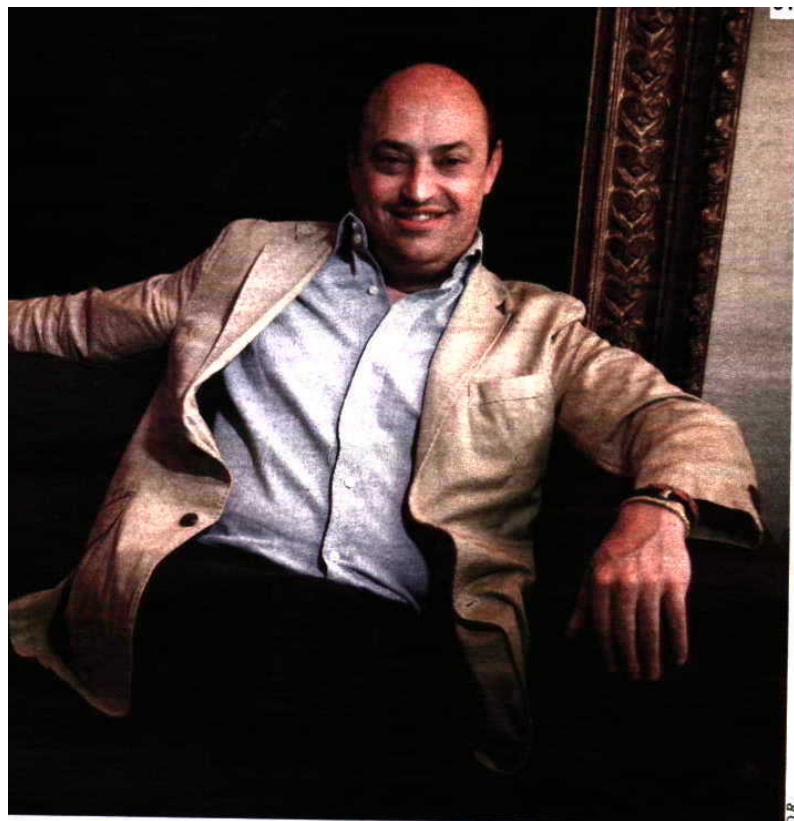
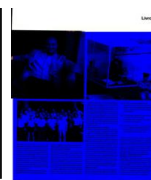
A Operação Neutrão. Para escrever esse capítulo usei declarações de analistas e especialistas no programa nuclear iraniano, documentos do Reino Unido e dos EUA e informações dos meios de comunicação da região do golfo Pérsico.

**A Mossad já não está à procura dos últimos dirigentes nazis vivos?**

Tenho um grande amigo que foi chefe da estação da Mossad em Madrid, em Lisboa e em Roma e que agora está retirado. Um dia perguntei-lhe porque deixaram de perseguir os criminosos de guerra nazis depois do êxito da Operação Garibaldi. Ele disse-me: “Deixámos de persegui-los porque os inimigos eram outros.” No início da década de 70 começaram os atentados e os sequestros palestinianos contra aviões comerciais, portanto os inimigos, antes nazis, converteram-se em grupos terroristas como o Setembro Negro ou o Hezbollah.

**O Setembro Negro, cujo ataque à equipa israelita nos Olímpicos de 1972 em Munique foi um ponto de viragem para a Mossad. Estes grupos são a outra grande ameaça para Israel?** Como outros serviços secretos, incluindo os portugueses, a Mossad tem vindo a





modificar a sua forma de actuar ou de investigar com base na forma como actuam os novos delinquentes. O que mostro neste livro é quão implacável ela pode ser a identificar e liquidar inimigos. Rafi Eitan, responsável da Metsada, disse um dia: "A nossa tarefa é fazer história e ocultá-la de imediato. Em geral somos honrados, respeitamos o governo, a liberdade de expressão e os direitos humanos, mas no final entendemos que nada deve estar no caminho do que fazemos." A Mossad leva esta frase ao extremo.

**Ao longo do livro encontram-se várias ligações dos líderes árabes depostos**

**nas revoluções recentes aos alvos da Mossad. Acha que Israel está por trás desta Primavera Árabe?**

Não creio. Depois da Primavera Árabe tunisiana perguntei a um membro da Mossad se as revoltas os preocupavam. Sem dúvida que sim. Até essa altura, Israel tinha acordos de paz com a Jordânia e o Egipto, enquanto mantinha uma franja de segurança com o Líbano e um *statu quo* bastante especial com a Síria. Essa situação mudou por completo. Agora não sabem em que situação estão com o Egipto, até que o povo egípcio se pronuncie nas próximas eleições

e supondo que não é a Irmandade Muçulmana a sair triunfante. Com a Jordânia, Israel reza a cada dia para que o rei Abdullah II se mantenha no poder. E a situação mais perigosa é na Síria, porque o país está fora de controlo e já provocou a entrada ilegal de sírios em território israelita através das montanhas Golan, sobre os quais o exército de Israel abriu fogo. Israel e a Mossad preferiam a situação anterior às revoltas. Sem a menor dúvida.

**Como analisa estas revoltas?**

Só espero que a liberdade deles não afecte a minha. Passo a explicar. Antes das revoltas na Tunísia, no Egipto, na Síria, no Iémen e na Líbia, os países ocidentais vendiam armas aos seus líderes em troca de gás ou petróleo. Tudo lhes parecia bem se eles pagassem petróleo e gás por essas armas, que agora utilizam para reprimir as próprias populações. Agora é rezar para que o Egipto cumpra as reformas democráticas longe do fundamentalismo da Irmandade Muçulmana, que já está a afectar a comunidade cristã. Várias igrejas estão a sofrer ataques e o mesmo pode acontecer na Síria se o presidente Al-Assad cair. E se estes fundamentalistas subirem ao poder nestes países através de processos eleitorais, as coisas para a Europa podem ficar difíceis.

**Difíceis como?**

Há uns dias li uma nota de um grupo norte-americano que falava da implicação do Vevak, os serviços secretos do

**01** A vida de correspondente em Jerusalém e em Beirute deu a Eric Frattini a ideia de escrever sobre o Kidon, a subunidade mais secreta da Mossad

**02** A Operação Garibaldi, para raptar e matar o líder nazi Adolf Eichmann, foi uma das de maior sucesso da Mossad

**03** O atentado contra a equipa israelita nos Jogos Olímpicos de 1972, em Munique, foi um ponto de viragem para a secreta do país

Irão, nas revoltas árabes. Estão a ser mais activos do que muitos governos julgam. E não só do Norte de África ou no Médio Oriente, no Ocidente do Afeganistão também. O Irão pode converter-se no principal patrocinador das revoltas árabes. Não devemos viver alarmados, mas não podemos deixar de estar vigilantes.

**Já sofreu algum tipo de represálias pelo que revela neste livro?**

A verdade é que nunca penso no que posso provocar com o que escrevo. Um amigo meu, histórico katsa da Mossad, disse-me depois de ler o livro: "Eric, o teu livro tem 75% de realidade, 15% de lenda e 10% de ficção." A verdade é que 90% é uma percentagem muito alta quando se trata de um livro sobre serviços secretos tão herméticos como a Mossad.



# MOSSAD / Os segredos das operações especiais israelitas [PÁGS. 08-09]